

---

## *Family and Community in Ireland*

---

Patricia Reinheimer

O trabalho de Arensberg e Kimball está inserido em um contexto de expansão do campo dos estudos antropológicos. A observação do comportamento social nas relações e atividades humanas teria, no início do século XX, aberto o caminho para a utilização dos métodos de estudo de sociedades chamadas primitivas em sociedades industrializadas modernas e o estabelecimento da moderna sociedade europeia como campo de análises.

Tema privilegiado da sociologia rural, as sociedades camponesas só vieram a se constituir como objeto da antropologia a partir do final da década de 1920. O diálogo que se estabeleceu entre essas duas disciplinas centrava-se no fato de a sociologia rural se preocupar quase exclusivamente com questões de desenvolvimento agrícola analisado do ponto de vista majoritariamente econômico. Os antropólogos, então sob a influência do funcionalismo, propuseram a etnografia como forma de acessar importantes processos cotidianos que ficavam de fora naquelas análises sociológicas.

Concebido como parte de um projeto mais amplo denominado Harvard Irish Survey – na verdade inúmeras nomenclaturas diferentes são atribuídas ao projeto –, que vigorou entre 1931 e 1936, com o objetivo de investigar a Irlanda a partir dos pontos de vistas da antro-

---

Patricia Reinheimer, é aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.

pologia física, da arqueologia e da perspectiva socioantropológica e econômica, *Family and Community in Ireland* foi realizado entre 1932 e 1934 com base na observação da vida local do Condado de Clare. O método de trabalho e a riqueza das descrições logo atribuíram a essa etnografia um lugar de destaque entre a produção literária antropológica. O estudo trata da organização social e do processo de reprodução social da família camponesa a partir da transmissão do patrimônio fundiário no momento do casamento.

A primeira edição do livro, publicada em 1940, foi escrita majoritariamente por Conrad M. Arensberg e contava com uma descrição da dimensão familiar nas pequenas propriedades. Quando foi republicado em 1968, o livro foi acrescido de uma segunda parte, escrita principalmente por Solon T. Kimball, lidando com a vida na aldeia próxima à comunidade rural tratada na primeira parte. No todo a pesquisa lida com várias dimensões de uma comunidade rural da década de 30: economia, trabalho familiar, ocupações, mercado, padrões de herança, mobilidade e migração, sendo, para os autores, o familismo o tema central que organiza e estrutura a comunidade em termos sociais e econômicos.

Uma terceira edição foi recentemente publicada (2001) contendo, além da primeira e da segunda partes, uma extensa introdução preparada pelos editores, Byrne, Edmondson e Varley, tratando do contexto político, econômico e cultural no qual a pesquisa se deu. Nessa introdução, os autores procuram reconstruir as motivações, personalidades e eventos que levaram os pesquisadores à Irlanda. A intenção dos autores é, recorrendo a evidências alusivas no texto, reconstruir o contexto para deixar emergir novos significados e interpretações. Os editores argumentam que, ao contrário do que muitos críticos afirmam, Arensberg e Kimball enfatizariam uma sociedade em mudança e com conflitos. Segundo os editores, a descrição de Arensberg e Kimball apresentaria uma sociedade que não abandonava seus hábitos, crenças e valores para se adaptar às mudanças econômicas e tecnológicas, mas adaptava essas mudanças a seus hábitos, crenças e valores.

*Family and Community in Ireland* constitui também parte de um processo amplo, então em curso em diversas nações, de um debate sobre a questão da tradição e modernidade no qual as dimensões de modernidade a partir da idéia de inserção no sistema industrial vinham sendo sistematicamente ressaltadas sem, entretanto, deixar de enfati-

zar elementos considerados tradicionais que pudessem contribuir na construção da idéia de particularidades culturais nacionais. No caso específico desse trabalho, ao ser remetida à origem celta, a noção de família é relacionada às idéias de antigüidade e autenticidade a partir das quais freqüentemente se empreendeu esse processo de particularização cultural.

A presença de folcloristas e viajantes no século e meio anterior ao estudo de Harvard provavelmente teve influência na construção da idéia de uma tradição camponesa. A Irlanda, assim como muitas outras nações, no início foi descrita majoritariamente por observadores estrangeiros. Questões como política, religião, aristocracia e preocupações em geral como as das ciências naturais foram tratadas pelos viajantes nas descrições do modo de vida, vestimentas, religião e entretenimento. A imagem romântica da Irlanda fez com que alguns antropólogos físicos do século XIX apresentassem os irlandeses como negróides e até símios. Segundo Byrne, Edmondson e Varley (2001), um jornal inglês chegou a publicar uma charge na qual o estereótipo do irlandês era apresentado como um macaco dançante. Nesse sentido, a Irlanda constituía o exótico no “Velho Mundo” que na pesquisa de Harvard estava sendo observada por “outsiders” do “Novo Mundo”.

Entretanto, os irlandeses constituíam um quinto da população dos Estados Unidos. Portanto, a tentativa dos americanos de Harvard em investigar a Irlanda desses diversos pontos de vista era, além de uma forma de compreender a “história e análise dessa nação talentosa e viril” (Byrne, Edmondson e Varley, 2001: xix), também uma maneira de compreender as comunidades de imigrantes nos EUA sob a influência da Escola de Chicago, através de nomes como Robert Park e Earnest Burgess.

Um dos aspectos valiosos da introdução à terceira edição do livro é a apresentação do pano de fundo sobre o qual se deu a entrada em campo, inclusive o “ritual de passagem” que teria tornado Solon Kimball aceito no vilarejo de Ennis. As negociações políticas e as formas de recrutamento de informantes que não foram expostas pelos autores americanos, são desvendadas pelos editores que acabam por mostrar também o enfoque cada vez mais reflexivo da antropologia que, a partir da segunda metade do século XX, passou a enfatizar a importância do próprio processo de acesso ao campo de pesquisa e relacionamento com as pessoas observadas.

Byrne, Edmondson e Varley procuram justificar muitas das escolhas metodológicas e enfoques teóricos utilizados por Arensberg e Kimball. Questões como a hegemonia católica do período, que influenciava fortemente inclusive na perspectiva da “vocação” feminina para a vida doméstica, por exemplo, são acionadas para explicar a “pouca atenção à religião” e à desigualdade de gênero na descrição etnográfica dos autores americanos. Byrne, Edmondson e Varley fazem uma releitura de *Family and Community* procurando mostrar que os comentaristas de Arensberg e Kimball teriam compreendido mal a abordagem teórica utilizada e discutindo os pontos de convergência e divergência do funcionalismo e estrutural-funcionalismo inglês. Essa introdução procura discutir também as implicações para os autores do livro do pensamento racial da época.

Arensberg e Kimball estavam imersos em um contexto acadêmico cuja linha de pensamento hegemônica imaginava a diversidade cultural como resultado da diversidade “racial” cujo processo histórico caminhava unilinearmente em direção à “civilização”. Assim, a sociedade é comparada com organismos vivos – o organismo citado na etnografia é uma ameba – e a sociedade camponesa estudada é percebida como um sistema no qual os padrões sociais são apresentados como subordinados às necessidades internas desse sistema. Os autores esclarecem no prefácio que *Family and Community* fazia parte de um projeto maior de classificação das sociedades que possibilitaria testar as hipóteses sobre as formas como as sociedades humanas eram organizadas.

A questão da racionalidade, intimamente vinculada ao lugar ocupado por essa sociedade na linha evolutiva, é uma questão importante na discussão sobre sociedades camponesas. Usando os discursos nativos não como ideologia, mas para procurar compreender a lógica do sistema social, Arensberg e Kimball concluíram que a racionalidade desses grupos passava por outras questões que não as estritamente monetárias, numa alusão de que essa não era uma sociedade irracional, mas que sua racionalidade seria distinta daquela encontrada nas sociedades industriais.

A despeito das possíveis críticas, várias delas indicadas na introdução à terceira edição, o trabalho de Arensberg e Kimball, além de constituir importante referencial para aqueles interessados nos estudos sobre sociedades camponesas, e também outras áreas sobre as quais o trabalho tangencia - estudos feministas, família, sociologia e

economia irlandesa –, ele permite também perceber como a introdução de diferentes objetos no interior de uma disciplina coloca em andamento diversos processos através dos quais novos conceitos, metodologias e concepções são desenvolvidos ampliando o campo do conhecimento e as formas de se olhar o mundo. Assim, a republicação, quase 70 anos depois, das análises da pesquisa de Arensberg e Kimball adquire renovado interesse, sobretudo pela introdução que situa essa pesquisa no interior de questões econômicas e sociais dos países envolvidos no projeto (especificamente Irlanda e EUA), assim como oferece importantes contribuições sobre a história, prática e problemas da etnografia.

Arensberg, Conrad M. e Kimball, Solon T. *Family and Community in Ireland*. National University of Ireland, Galway, 2001 (1968 [1940]). Byrne, Anne; Edmondson, Ricca e Varley, Tony. (eds.).

REINHEIMER, Patricia. Family and Community in Ireland. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro 2004, vol. 12 no. 2, p. 366-370. ISSN 1413-0580.